



XVIII

Simão, o mendigo

**Doente, pobre, velhinho,
O desditoso Simão,
Arrimado a seu bordão,
Andava devagarinho...**

**Pés e mãos em chaga aberta,
Lá ia o velho, coitado!
Enférmo, desamparado
E humilde na estrada incerta.**

**Cabelo todo branquinho,
Rugosa a face morena,
O pobre metia pena
A vagar pelo caminho...**

**De onde viera? Ora, quem
Buscava saber ao certo?
Vinha de longe ou de perto?
Ninguém sabia, ninguém.**





**Só lhe sabiam do nome,
E que, em miséria, sem nada,
Ele esmolava na estrada,
A fim de matar a fome.**

**Estendendo seu chapéu,
Pedia, cheio de dor:
— Uma esmola, meu senhor,
Por amor ao Pai do Céu!...**

**Mas, oh! Deus, que desalento
Neste mundo de aflição!
Ninguém ouvia Simão
Nas horas do sofrimento.**

**— Passai de largo! é leproso!... —
Diziam homens crueis —
— Oh! não vos aproximeis
Dêste ancião perigoso!...**

**— Ah! que graça! Põe-te à brisa! —
Exclamava outro passante —
Nada de esmola ao tratante,
Que êste velho não precisa!...**

**O mendigo, nos seus ais,
Dizia: — Viva a saúde!
Trabalhei enquanto pude,
Agora, não posso mais...**



Tôda a gente lhe fugia,
Ninguém lhe dava uma sopa,
Nem um trapinho de roupa
Para a noite da agonia.

Muito tempo era passado,
E o desditoso velhinho
Sentia-se mais sózinho,
Mais doente, mais cansado....

Chegou, enfim, um momento
Em que o velho sofredor
Caiu de frio e de dor
Na estrada do sofrimento.

Caiu e sonhou, contente,
Embora a sede e o cansaço,
Que Jesus vinha do Espaço
Dizendo-lhe, docemente:

“— Escuta, meu bom Simão,
Não temas, querido amigo!
Sê forte! Eu estou contigo.
Chegaste à ressurreição.

Não chores. Estou aqui!...
Terminou tua aflição,
Estás em meu coração!
Pensavas que te esqueci?





**Enquanto o mundo enganado
Atormentava-te ao peso
De zombaria e desprezo,
Eu sempre estive ao teu lado.**

**Teus prantos e tuas dores
São, hoje, a luz que te veste
No campo do amor celeste,
Repleto de eternas flôres.”**

**E Jesus, em voz mais terna,
Concluía: — “Vem, Simão,
À doce consolação
Do mundo de luz eterna!...”**

**E Simão, chorando e rindo,
A seguir, ditoso, o Mestre,
Esqueceu a dor terrestre,
No céu venturoso e lindo.**

**O caminho era de estrélas
De tão sublime matiz
Que o pobre ria, feliz,
Sem saber como entendê-las.**

**No outro dia, ao reconfôrto
Do Sol de coroa erguida,
Acharam Simão sem vida...
O mendigo estava morto.**